

BETINA COSTA BELTRÃO

**REVITALIZAÇÃO DA ESTRADA DO PERAU VELHO – SANTA
MARIA/ITAARA-RS**

CURITIBA

2001

BETINA COSTA BELTRÃO

**REVITALIZAÇÃO DA ESTRADA DO PERAU VELHO – SANTA
MARIA/ITAARA-RS**

Monografia apresentada como requisito
parcial para obtenção de Título de
Especialista em Ecoturismo do IBPEX –
Turma III.

Orientador: Paulo Cerdeira

CURITIBA

2001

SUMÁRIO

RESUMO	iii
1 INTRODUÇÃO	1
2 EMBASAMENTO TEÓRICO	2
2.1. TURISMO	2
2.2 ECOTURISMO	5
2.3 TURISMO CULTURAL	9
2.4 PLANEJAMENTO ECOTURÍSTICO	11
2.5 TURISMO SUSTENTÁVEL	14
2.5.1 Desenvolvimento Sustentável	16
2.6 MEIO AMBIENTE	18
2.7 DEMANDA TURÍSTICA	20
2.8 IMPACTOS DO TURISMO	22
3 METODOLOGIA	24
4 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	25
4.1. ASPECTOS GEOAMBIENTAIS	25
4.2 HISTÓRICO	26
5 ATRATIVOS TURÍSTICOS	28
6 RESULTADOS DA ENTREVISTA	37
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
ANEXO - QUESTIONÁRIO APLICADO	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

RESUMO

A Estrada do Perau Velho localiza-se na região central do estado do Rio Grande do Sul, sendo que parte de sua extensão pertence ao município de Santa Maria e a outra parte ao município de Itaara. A cidade de Santa Maria é denominada "Cidade Cultura", devido ao fato de sediar três instituições de ensino superior, uma pública e duas particulares, além de uma quarta universidade em fase de conclusão. O município de Itaara é conhecido como "Cidade dos Balneários", por abrigar dentro dos seus limites, 11 balneários. É uma região de natureza privilegiada, apresentando um grande potencial para o desenvolvimento do ecoturismo. A administração destes municípios tem dispensado uma atenção especial à projetos que visem o incremento do turismo pois, até o presente momento, os atrativos da região estão sendo pouco explorados. Tendo como base noções práticas e teóricas do ecoturismo, acredita-se na possibilidade de desenvolvimento de um turismo sustentável, de baixo impacto e que venha trazer benefícios econômicos à comunidade local, valorizando a natureza como mercadoria para o turismo.

1 INTRODUÇÃO

Partindo da idéia de que o incentivo ao turismo como fonte geradora de divisas econômicas é uma tendência mundial, sendo uma importante fonte de renda para países em desenvolvimento que possuam uma grande diversidade ecológica e cultural, faz-se relevante que haja um estudo específico em relação à Estrada do Perau Velho, situada nos municípios de Itaara e Santa Maria, região central do Rio Grande do Sul.

Na atualidade o turismo é a indústria que apresenta um maior índice de crescimento e desenvolvimento no mundo. O ecoturismo é o setor desta atividade que mais tem atraído demanda nas duas últimas décadas, tendo em vista a procura cada vez maior por lugares singulares, que conservem suas características originais tanto no que se refere à cultura nativa, como às riquezas naturais. Os atrativos ecoturísticos do RS são pouco explorados, sendo bastante esparsas as iniciativas de aproveitamento destes para geração de riquezas.

No presente trabalho ressaltamos a possibilidade de transformar a Estrada do Perau Velho em um atrativo turístico, através de um planejamento minucioso que priorize o conceito de desenvolvimento sustentável, gerando divisas para os municípios envolvidos bem como melhorando a qualidade de vida dos habitantes do local. Acredita-se, que esta seja uma alternativa viável para o desenvolvimento da região.

Em uma primeira etapa se fará uma abordagem teórica que servirá como base para o desenvolvimento desse estudo, para logo depois analisar os dados que foram colocados, com o intuito de proporcionar à Estrada do Perau Velho uma revitalização assegurada na concepção de ecoturismo.

2 EMBASAMENTO TEÓRICO

2.1. TURISMO

É possível dizer que o turismo, tal como se conhece hoje, desenvolveu-se juntamente com a moderna sociedade capitalista. Em um primeiro momento, a elite foi a classe privilegiada, pois as inovações tecnológicas, a exemplo dos meios de transporte como o avião, inviabilizaram as viagens para às menos abastadas. Ao mesmo tempo que somente as grandes empresas lucravam com a atividade.

É verdade que o homem sempre procurou desbravar e conhecer outros lugares, desde a antigüidade, contudo, foi a partir da segunda metade do século XX que o turismo se popularizou atingindo grandes parcelas da população.

O turismo dito como moderno tem sua evolução diretamente relacionada com o desenvolvimento tecnológico nos seus mais variados aspectos. Desta forma, não apenas os meios de transportes, mas, também o aperfeiçoamento dos meios de comunicação interferiram significativamente na atividade turística.

Nos dias de hoje, o turismo é uma fonte econômica importante e significativa em vários países da Europa, como a França, Itália, Espanha, Grécia e, no continente americano, nos Estados Unidos, Canadá e Cuba. Na América Latina esta atividade é ainda incipiente, devido a inúmeros problemas sociais e econômicos.

No Brasil, é considerado um fenômeno mais recente. Num primeiro momento, atraiu turistas do exterior devido, principalmente, ao exuberante litoral, destacando-se o Rio de Janeiro e a região nordeste. Depois, já na década de 80, quando o ecoturismo começou a se desenvolver, passou a abranger as regiões norte e centro-oeste.

Constata-se que a atividade turística ocupa, também papel singular no impacto sociocultural, seja sobre os visitantes ou, ainda, no nível das populações

dos destinos turísticos. Essa atividade proporciona uma maior integração entre os povos de culturas e nacionalidades diferentes.

Nota-se que é estabelecida entre o turismo e o meio ambiente uma relação muito estreita, já que à medida em que uma localidade opta por preservar suas áreas naturais, conservar seus monumentos históricos e suas paisagens está automaticamente assumindo um compromisso com o turismo.

Portanto para TRIGUEIRO (1996) turismo significa o somatório dos fenômenos e relações que surgem da interação dos turistas, empresas, governos e comunidades receptoras no processo de atração e recepção destes turistas e outros viajantes (p. 14).

No momento, o turismo está sendo amplamente discutido, envolvendo os meios acadêmicos, o estado e a sociedade civil. É no espaço rural que começa a ser buscado mais intensamente, por este ainda apresentar uma maior abundância de recursos naturais e, também, devido ao setor estar envolvido numa crise econômica de difícil resolução apenas pela produção agrícola, que historicamente lhe foi designado.

A importância do turismo também se mede através do interesse da iniciativa privada em promover e investir no setor. Atualmente existem inúmeros jornais, revistas, livros e propagandas envolvendo o assunto, além, de megaprojetos sendo desenvolvidos.

Segundo PAIVA (1995):

O turismo é um fenômeno multidimensional, e qualquer intervenção no sentido de analisá-lo ou de incrementá-lo deverá ocorrer de maneira globalizante. Dizendo de outra maneira, o turismo abrange componentes sociais, culturais, políticos, ecológicos, psicológicos, tecnológicos e econômicos, pressupondo um tratamento não-parcial (PAIVA, 1995, P. 32).

Este conceito, deixa clara a abrangência e a complexidade da atividade turística. Assim, o turismo deve ser pensado e planejado envolvendo todos esses aspectos citados, onde a conservação dos recursos naturais é visto como um fator fundamental, bem como a conscientização das pessoas envolvidas nos possíveis impactos causados pela visita do local.

Destaca-se de maneira relevante que a atividade turística não precisa estar diretamente relacionada à questão da sustentabilidade no âmbito econômico, social, cultural ou ambiental, apesar desta ser a forma recomendada de desenvolvimento em âmbito mundial.

A idéia de turismo como atividade permanente deve ser visto envolvendo várias questões referentes ao meio social, tendo em vista a conservação dos recursos naturais, considerado um elemento singular dentro desse contexto, assim como a conscientização das pessoas que estão envolvidas na atividade.

Na atualidade, o turismo é a atividade que cresce com maior rapidez dentro do contexto dos negócios, estimando ser considerada a maior indústria do mundo no século XXI.

TRIGUEIRO (1996), define que:

Inúmeros são os benefícios que a indústria do turismo traz para uma localidade. Em primeiro lugar, está a geração de empregos diretos e indiretos na hotelaria, restaurantes, bares e similares, setor de transportes, agentes de viagens, setor financeiro, atividades culturais e esportivas, no comércio varejista e departamental, entre outros. O segundo benefício diz respeito ao efeito multiplicador que os gastos diretos e indiretos dos turistas propiciarem à medida que são fundados pela economia de uma localidade. Um terceiro benefício, pode-se disparar, vem das receitas dos impostos gerados pelos turistas e cobrados pelos governos. E um quarto benefício seria o fato de o turista também incentivar a exportação dos produtos locais (TRIGUEIRO, 1996, p. 2).

Em se tratando de um país em desenvolvimento como o Brasil, o turismo apresenta empecilhos na realização satisfatória desse tipo de atividade. A miséria social, a falta de recursos e de infra-estrutura física adequada e o baixo nível das organizações turísticas são exemplos de fatores que dificultam a plena realização dos objetivos.

A partir da 2ª metade do século XX o mundo vem assistindo à degradação da paisagem, não somente em relação ao turismo, mas também sobre as formas vorazes do capitalismo.

Segundo YÁZIGI (1999):

Infelizmente o turismo vem contentando-se com ilhas de prazer, além de cujos limites ninguém se responsabiliza pelo que puder acontecer. Não se tem consciência objetiva de que turismo e miséria (e tudo o que ela traz consigo) são incompatíveis. De que pensar num futuro turístico implica antes de mais nada a realização plena da cidadania, num necessário projeto nacional que interligue tudo e busque levar suas premissas a cabo. François Archer explica bem: *não é o turismo que permite o desenvolvimento, mas é o desenvolvimento geral dos país que torna o turismo aproveitável* (YÁZIGI, 1999, p. 11).

Entende-se que o discurso da política do turismo considera a conservação a nível ambiental, portanto, o homem como finalidade e a atividade como desenvolvimento. Ressaltando-se, que os atrativos culturais e naturais dos locais visitados constituem a matéria-prima da atividade e os mesmos estão inseridos no cotidiano das pessoas do local.

Nos últimos tempos a natureza vem gerando um novo mercado turístico que envolve indivíduos e meio ambiente inserindo as pessoas na natureza supostamente sem danificá-la. Os territórios são valorizados em função de sua acessibilidade, algumas vezes em decorrência do marketing. Nesse tipo de atividade a natureza deve ser poupada, tanto pelo ângulo filosófico, como pelo ponto de vista dos recursos.

2.2 ECOTURISMO

O ecoturismo ou turismo de natureza é o tipo de turismo que mais tem crescido nas últimas décadas. Ele está diretamente relacionado com a ecologia, podendo-se afirmar que consiste em atividades que norteiam o meio natural, estabelecendo uma relação bastante próxima entre a natureza e o turista. Partindo das idéias de MOURÃO (2000), ecoturismo consiste em "viagens responsáveis à áreas naturais, visando conservar o meio ambiente e promover o bem estar da comunidade local" (p.2).

Segundo BOO (1995) in Müller, existem três interpretações para ecoturismo. A primeira consiste em um "juramento para o manejo das áreas protegidas"; a

segunda diz que é "uma forma de sensibilização nas áreas naturais e culturais", enquanto a terceira afirma que é "a conscientização da indústria do turismo em relação aos temas ambientais". Portanto, entende-se que ecoturismo significa um fragmento da atividade turística que através do patrimônio natural, promove o desenvolvimento econômico e a conservação das populações envolvidas, ao mesmo tempo que busca a formação de uma consciência por meio da interpretação ambiental.

Na visão de LINDBERG e HAWKINS (1999): Ecoturismo, em outras palavras, envolve tanto um sério compromisso com a natureza, como a responsabilidade social... É a viagem responsável as áreas naturais, visando preservar o meio ambiente e promover o bem-estar da população local. (p. 17)

A expansão do ecoturismo nos programas de turismo regional, proporciona a muitos pesquisadores estabelecer estudos com o intuito de desenvolver e preservar o meio ambiente, bem como é uma fonte importante de renda a ser considerada pelos países em desenvolvimento.

É um segmento das atividades turísticas, que através de maneiras sustentáveis, proporciona o incentivo e a conservação do patrimônio natural e cultural, buscando a formação de uma consciência ambientalista.

John BEARBROOKE (2000), considera:

Em termos simples, ecoturismo, significa simplesmente que a principal motivação para viagem é o desejo de ver ecossistemas em seu estado natural, sua vida selvagem assim como sua população nativa. Contudo, muitas vezes se considera o ecoturismo como sendo mais que isto. Seus defensores afirmam que ele se relaciona também a um desejo de ver os ecossistemas preservadas e que a população vive melhor por conta dos efeitos do turismo (BEARBROOKE, 2000, p. 24).

O ecoturismo, como geralmente é chamado, denomina-se através da EMBRATUR (1994), como um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas (EMBRATUR, 1994, p. 19).

A promoção do ecoturismo está diretamente relacionada com as atribuições da vida moderna, em função de que a qualidade de vida nas grandes cidades está cada vez pior. Problemas crescentes, tais como a poluição do ar, o estresse e o aumento da temperatura, contribuem para que o turismo ecológico aumente em escalas mundiais.

Tal aumento de fluxo, geralmente não adequado com a capacidade que a área pode suportar, ocasiona problemas ambientais de efeitos singulares. Aliado a essa questão, tem-se muitas vezes a visão imediatista de empreendedores privados e de órgãos públicos que, visando apenas o lucro, fazem uso dos recursos de maneira errônea, impactando de forma negativa e muitas vezes irreversível os atrativos naturais.

No Brasil, ainda não há estudos de forma organizada em relação aos impactos do turismo ecológico. Na verdade o que existe são observações empíricas, relatórios de ambientalistas, guias ecológicos, dentre outros, denotando a urgência de ações neste sentido.

Ocorre, ainda, o impacto cultural, onde pessoas de um local convivem com turistas oriundos de culturas diferentes da sua, não sendo estabelecida uma interação efetiva entre estes dois pólos, ocasionando uma relação meramente econômica, o que leva a resultados indesejados, tais como a descaracterização do povo local e conflitos comportamentais.

Conforme considerações propostas pela EMBRATUR (1994) entende-se que o ecoturismo é uma atividade em fase de reformulação, pois o ecoturismo praticado no Brasil é uma atividade desordenada, impulsionada, quase que exclusivamente, pela oportunidade mercadológica, deixando a rigor, de gerar os benefícios sócio-econômicos e ambientais esperados (p. 09).

Na visão do turista, o ecoturismo é uma oportunidade de férias modernas, devido a qualidade das atividades que são praticadas. Já, no contexto da indústria, a visão parte da idéia do lucro, pois trata-se de um produto que oferece satisfatórias margens financeiras, externas e internas, e tem tido boa aceitação nos dias atuais.

Na visão de SWARBROOKE (2000), o ecoturismo, pode ser visto de várias formas, tais como um turismo que manifesta-se em escalas de porte menor; uma categoria, de certa forma, mais ativa que outras formas de turismo; uma maneira de

constituir turismo que não exige uma infra-estrutura tão significativa, comparada a outras, e acima de tudo, uma condição turística que é desenvolvida por pessoas educadas e esclarecidas em busca de novidades referentes ao tema. Portanto, uma alternativa na prática do turismo coerente.

Ele afirma que:

Em termos mais simples, "ecoturismo" significa simplesmente que a principal motivação para viagem é o desejo de ver ecossistemas em seu estado natural, sua vida selvagem, assim como sua população nativa. Contudo, muitas vezes se considera o ecoturismo como sendo mais que isto. Seus defensores afirmam que ele se relaciona também com um desejo de ver os ecossistemas preservados (...) (SWARBROOKE, 2000, p. 55).

Sendo assim o ecoturismo, designa uma atividade turística que tem o intuito de desenvolver e preservar determinados locais. Atenta-se ao fato de que o ecoturista, por melhores que sejam suas intenções, impacta os locais por onde passa, muitas vezes causando interferências negativas no meio ambiente e na rotina dos habitantes.

Em contrapartida, pode-se mencionar de maneira sintética os aspectos positivos que norteiam o ecoturismo;

- Promove benefícios econômicos à população local, utilizando-se como fonte de renda aos projetos de preservação;
- Mantém-se em uma escala pequena e gerenciada;
- Geralmente envolve turistas que de alguma forma se preocupam com o meio ambiente;
- Os turistas costumam envolver-se com projetos que primam pelas práticas ecoturísticas.

Nesse sentido, é possível fazer algumas considerações referentes a diferenciação entre turismo sustentável e ecoturismo. Assim, o ecoturismo desenvolve aspectos positivos em relação a questão do turismo sustentável.

O ecoturismo propicia à população alguns benefícios que podem ser de ordem econômica, contribuindo para a manutenção dos projetos de preservação ambiental, desenvolvendo-se em escala pequena e cuidadosamente gerenciada.

Quanto a preservação do ambiente nota-se que a curiosidade dos turistas faz com que eles ultrapassem os limites estabelecidos pelas organizações. Assim, entende-se que as operadoras de viagens estão buscando somente as vantagens que o ecoturismo oferece, esquecendo-se de priorizar a sustentabilidade.

Logo, ecoturismo e turismo sustentável não são sinônimos, contudo pode-se considerar o ecoturismo como uma forma de turismo sustentável, quando é adequadamente administrado.

Quanto ao ecoturismo sustentável, destaca-se que ele deve ser desenvolvido, conforme os moldes ambientais, possibilitando experiências participativas e esclarecedoras aos visitantes.

O ecoturismo só se tomará coerentemente sustentável, caso os turistas exijam mudanças, e se eles estiverem disposta a novas experiências, que os aproximem, de forma responsável, da natureza como um todo.

2.3 TURISMO CULTURAL

O turismo cultural é visto como um turismo sensível, compatível com os princípios do turismo sustentável. Pode-se citar como principais tipos de recursos do turismo cultural: atrações históricas; festivais e eventos especiais; indústria e comércio; locais religiosos; linguagem; artes; atividades de esporte e lazer; cultura popular moderna, etc. Nesse sistema turístico, segundo SWARBROOKE (2000), os setores público, privado e voluntário têm um papel fundamental a desempenhar, promovendo-o com o marketing da destinação.

Este tipo de turismo pode abranger recursos naturais tangíveis, assim como museus, atrações histórico-culturais e eventos tradicionais; mercado interno e externo; aspectos da cultura nacional, ou ainda, regional, local e de minorias étnicas.

Na opinião de SWARBROOKE (2000 – v. 5):

(...) o turismo cultural é ameaçado por pressões sobre a diversidade cultural, decorrentes de um aumento da homogeneização da cultura em todo o mundo, que por sua vez é o resultado dos efeitos das culturas populares globais como a televisão, a música e o cinema. Essa redução na diversidade cultural pode reduzir também a motivação de viajar para vivenciar outras culturas (SWARBROOKE, 2000, p. 38).

Vale ressaltar, que o surgimento de outras formas de lazer vem trazendo ameaças a indústria do turismo cultural. Isso, porque o surgimento de novos produtos e atividades, assim como o impacto das inovações tecnológicas (realidade virtual) tem ocasionado uma relação de concorrência com o mercado do turismo cultural, mais especificamente no já tradicional mercado de excursões que se desenvolvem em apenas um dia.

Como outros elementos que afetam esse tipo de atividade pode-se destacar, o crescimento rápido de projetos culturais para atrair turistas e a padronização do produto do turismo cultural.

Sendo assim, surge a tendência de transformar a cultura em um bem de consumo básico, tornando sua utilização mais ampla e difundida, o que, por sua vez apresenta a inclinação em causar entre um elevado número de consumidores um levante contra uma super exploração.

Inserido na idéia de sustentabilidade do turismo cultural SWARBROOKE (2000, v. 5) esclarece que:

É importante garantir que os turistas recebam algo que lhe valha o seu dinheiro, mas é também, vital que paguem o preço justo pelo que desejam adquirir. De outro modo não há como o turismo cultural ser sustentável, pois ou as autóctones ficarão aflitas por ter de subsidiar os turistas ou não se gerará renda suficiente para um apoio adequado aos recursos naturais (SWARBROOKE, 2000, p. 48).

Assinala-se que as administradoras que atuam num tipo de atividade precisam tomar providencias para manter o turista satisfeito, com o intuito de que ele

possa voltar ao local visitado, bem como levar uma idéia positiva do passeio ao seu círculo de relações.

Neste caso, pela primeira vez na história a população está preocupado em preservar culturas antigas e atuais. No momento, grande parte do mundo está cultivando um sentimento nostálgico em relação a vida cultural. Contudo, as necessidades manifestadas pela indústria do turismo, assim como as preferências dos turistas, podem causar a trivialidade da cultura e a perda da autenticidade cultural dos locais envolvidos.

2. 4 PLANEJAMENTO ECOTURÍSTICO

Na atualidade, o ecoturismo vêm chamando a atenção de muitas formas, sendo crescente a assiduidade das pessoas neste tipo de programa. Contudo, um prévio e responsável planejamento faz-se imprescindível para a conservação e preservação do ambiente natural.

Para LINDBERG e HAWKINS (1999) "as áreas protegidas do mundo todo têm recebido um fluxo cada vez maior de visitantes" (p. 34). Em função deste aumento desenfreado é que grande parte destas áreas estão sendo preparadas para o turismo, graças à administração destes locais que conseguem viabilizar a presença de turistas com o mínimo de intervenções no ambiente original.

Geralmente, as pessoas que freqüentam estes programas turísticos fazem questão de participar da conservação, assim como contribuir com as cobranças de ingresso e demais formas de arrecadamento de renda. Nesse sentido, existe as "Diretrizes para Diagnóstico e Planejamento do Ecoturismo" na tentativa de assessorar os parques a estabelecerem um determinado tipo de relação com o turismo. Estas diretrizes servem como um conjunto de considerações que ajudam na conservação das áreas protegidas.

Conforme LINDERBERG & HARI, (1999):

O escopo do documento é limitado. Em primeiro lugar ele pressupõe um administrador por área, e, portanto, destina-se às áreas consideradas protegidas. Ele não inclui territórios virgens fora do sistema das áreas protegidas, embora esse também estejam recebendo cada vez mais turistas. Em segundo lugar, o documento oferece diretrizes para o processo de planejamento mas não fornece instruções sobre como implementar cada ação (LINDERBERG & HARI, 1999, p.36).

Ao longo de todo o século XX, os locais com atrativos naturais passaram a ser buscados com maior intensidade pelas pessoas que têm possibilidade de desfrutar os seus períodos de férias ou mesmo lazer em curtas temporadas de descanso, o que fez do turismo uma fonte rentável por excelência, normalmente às nações, cuja produção industrial ainda se encontra em desenvolvimento.

Um enorme número de pessoas tem recorrido às viagens a áreas naturais como forma de amenizar o estresse citadino, consequência do atribulado sistema social e modo de vida que se estabeleceu, tanto pela globalização, como pela rapidez com que se processa qualquer atividade profissional, nos seus mais diversos ramos ou segmentos.

Isso faz do turismo uma fonte geradora de divisas e os planejadores de pacotes (de viagens ou excursões) buscam incessantemente fornecer lugares cada vez mais pluralizados, ensejando que áreas antes intocadas sejam freqüentadas por grupos de pessoas – nacionais ou internacionais – que almejem estar em contato com ambientes diversos aos seus.

Entretanto, na maioria dos casos, estes planejadores são mais especuladores do que pessoas bem intencionadas imbuídos de manter estes ambientes com a mesma aparência, ou seja, visam, antes de tudo, o lucro financeiro em detrimento da manutenção destas áreas.

RUSCHMANN (2000) explicita aquilo que seria o mais aconselhável fazer em relação ao turismo e à manutenção de forma apropriada:

Encontrar o equilíbrio entre os interesses econômicos que o turismo estimula e o seu desenvolvimento planejado, que preserve o meio ambiente, não é tarefa fácil, principalmente porque o controle da atividade depende de critérios, valores subjetivos e de uma política ambiental e turística adequada que ainda não se encontrou no nosso país e nem em outros países (RUSCHMANN, 2000, p.11).

A realidade mostra a verdade contida nesta afirmativa de Doris Ruschmann, pois se o setor mostra, por um lado, uma renda crescente, por outro, deixa, na natureza um rastro de desolação e agressividade que inviabiliza a continuidade do turismo ecológico nos moldes que hoje se processa. Necessário é que seja colocada em prática uma ação conjunta composta não apenas por agentes de turismo que tenham como fito primordial a lucratividade, mas que, de igual forma, tenham técnicos acompanhando tal planejamento, que impeçam a devastação de áreas em nome do lazer ou prazer daqueles que podem desfrutar das belezas pelo poder de aquisição.

Para a concretização eficiente do planejamento turístico, após a delimitação do mercado e do seu público-alvo, faz-se necessário que os organizadores, assim como a localidade verifiquem onde estão os turistas, quais são seus desejos, motivações e anseios em relação a programas de lazer, portanto, realizem um diagnóstico da demanda bem como da situação das potencialidades da localidade onde desejam desenvolver o turismo.

Além disso é extremamente importante que haja um planejamento de marketing, pois como afirma Amyr Klink apud TRIGUEIRO (1996) o "planejamento é uma questão de sobrevivência".

Portanto o planejamento estratégico de marketing deve ser prioridade na concepção da administração de um determinado lugar, sobretudo quando se trata de desenvolver atividades turísticas. Entende-se, então que em um mercado competitivo como o de hoje deixar de planejar significa o fracasso das organizações.

Sob este aspecto planejar dentro de um sistema de atividades consiste num desafio que pode superar dificuldades e prover novas oportunidades para um ordenado crescimento do turismo.

Conforme TRIGUEIRO (1996):

O planejamento estratégico é uma ação administrativa que visa antecipar o futuro e os desafios que uma instituição deverá enfrentar, definindo decisões com vista ao seu posicionamento no mundo dos negócios, assim como os produtos e serviços a serem oferecidos ao mercado. isso tudo objetivando atender às necessidades e desejos dos públicos-alvo (TRIGUEIRO, 1996, p. 38).

Sendo assim, a estratégia de marketing aponta para um mercado específico sobre o qual estarão relacionadas todas as atividades.

2.5 TURISMO SUSTENTÁVEL

Conforme a obra de RUSCHMANN (1997), considera-se como desenvolvimento sustentável "aquele que atende às necessidades dos turistas atuais, sem comprometer a possibilidade do usufruto dos recursos pelas gerações futuras"(p. 10).

Por isso, o planejamento é imprescindível e relevante para o desenvolvimento turístico equilibrado, que mantenha-se em harmonia com os recursos naturais, tornando possível a manutenção da estrutura já existente.

Para SWARBROOKE (2000) O turismo sustentável significa assegurar o êxito das destinações existentes no futuro e de planejar novas destinações, tendo em vista o seu desenvolvimento a longo prazo (p. 67).

SILVEIRA (1998), afirma o fato do desenvolvimento sustentável significar um conceito que vêm crescendo aceleradamente, através de segmentos sociais e organizações governamentais e não-governamentais, gerando um desafio mundial, com o intuito do desenvolvimento.

O desenvolvimento sustentável do turismo é um conceito, em construção, no entanto alguns autores enfatizam que a atividade turística deverá contemplar a gestão ambiental, os fatores sociais e culturais entre outros.

Segundo RUSCHMANN (1997), desenvolvimento sustentável no turismo significa gestão de todos os ambientes, os recursos e as comunidades receptoras, de modo a atender às necessidades econômicas, sociais, vivenciais e estatísticas, enquanto a integridade cultural, os processos ecológicos essenciais e a diversidade biológica dos meios humano e ambiental são mantidos através dos tempos. (p. 110)

O fragmento do texto de CEBALLOS-LASCURÁIN (1995) fornece argumentos suficientes para que se tenha a extensão daquilo que é necessário dentro do que se entende por *turismo sustentável*:

As áreas naturais, em particular as áreas protegidas legalmente, sua paisagem, fauna e flora – juntamente com os elementos culturais existentes – constituem grandes atrações, tanto para os habitantes dos países aos quais as áreas pertencem como para turistas de todo o mundo. Por este motivo, as organizações para a conservação reconhecem a enorme relevância do turismo e estão cientes dos inúmeros danos que um turismo mal-administrado ou sem controle pode provocar no patrimônio natural e cultural do planeta.

O ecoturismo, como componente essencial de um desenvolvimento sustentável, requer uma abordagem multidisciplinar, um planejamento cuidadoso (tanto físico como gerencial) e diretrizes e regulamentos rígidos, que garantam um funcionamento estável (CEBALLOS-LASCURÁIN, 1995, p.26).

Opinião que muitos outros ecologistas endossam, ou seja, de que esta abordagem não deve permanecer apenas atinente a um segmento, mas que faça parte de um sistema intersetorial para que alcance seus devidos desígnios e objetivos.

Isso implica que a iniciativa estatal esteja ao lado da privada para a confecção de programas que se amparem em uma legislação regrada, enquanto buscam oferecer aos turistas (nacionais e internacionais) planos de turismo bem elaborados que permitam, a um só tempo, o desfrutar de áreas naturais com suas características originais, incluindo, aí, um turismo que seja parte integrante de um plano que miscigene ordenação ambiental por normas legais e tenha diretrizes ecoturísticas.

Para que haja sustentabilidade ecoturística, na ampla extensão do termo, faz-se pertinente que exista um orçamento satisfatório para a manutenção do local e uma mão-de-obra especializada para que os problemas destas áreas não venham a ter continuidade.

A falta de qualquer destes elementos, entre tantos outros necessários, é que vem determinando o deterioramento ambiental e a agressão ao meio. Facilmente serão sanados problemas correlatos quando houver ao lado da conscientização massiva, uma legislação que tenha poder de polícia para tal e que, forçosamente, seja obedecida.

Para SWARBROOKE (2000, v 5), algumas considerações são tecidas a esse respeito se fazemos algo para tentar desenvolver formas mais sustentáveis de turismo, isso afetará outros elementos não turísticos do sistema (...). Da mesma forma, a tentativa de reduzir a mão-de-obra imigrante empregando mais residentes locais pode fazer com que alguns jovens deixem a fazenda da família para trabalhar no hotel (SWARBROOKE, 2000, p. 111).

Em razão dessa e de outras definições compreende-se, que a relação que é estabelecida entre turismo sustentável e as localidades envolvidas, não designa apenas o ambiente físico, abrange, ainda, o ambiente social e cultural.

Sendo assim o turismo sustentável envolve uma vasta gama de interesses, os quais apresentam direitos e compromissos mútuos. Então, a comunidade local que está envolvida, enquadra-se no mesmo contexto de responsabilidade que os turistas e o setor privado que administra as atividades.

Compreende-se, então que nenhuma qualidade de turismo é intrinsecamente mais sustentável ou mais elevada do que outra. Quando se tem uma administração eficaz torna-se possível a qualquer tipo de turismo ser considerado sustentável e associado a conceitos de negociação ética e de responsabilidade social.

2.5.1 Desenvolvimento Sustentável

O desenvolvimento sustentável exige a promoção de valores que mantenham as expectativas de consumo dentro das possibilidades ecológicas.

Destaca-se, que o desenvolvimento sustentável deve evitar de pôr em risco os sistemas naturais que permitem a vida na terra. Portanto, para que a sustentabilidade se desenvolva é preciso que os limites de capacitação do meio ambiente sejam definidos. A terra não pode ser explorada além do seu limite de recuperação.

Conforme a Comissão Mundial do Meio Ambiente, os principais objetivos referente as políticas ambientais, que se originam do conceito de desenvolvimento sustentável são:

- Apoiar o crescimento;
- Promover qualidade no desenvolvimento;
- Atender às necessidades especiais;
- Manter um nível populacional sustentável;
- Considerar a questão econômica e o meio ambiente no processo de tomada de decisões.

Sendo assim, a economia não pode ser considerada como um sistema isolado da realidade e da natureza, pois não existe atividade humana sem os benefícios naturais. O sistema econômico da sustentabilidade implica as considerações usadas para tornar possível verificar as restrições que são impostas à sociedade.

Ainda, para CAVALCANTI (1995), desenvolvimento sustentável é aquele que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as futuras gerações satisfazerem as suas próprias necessidades (p.33). Assim, necessita-se de uma perspectiva multidimensional, que evoca ecologia, política e economia, ao mesmo tempo, o que consiste no ponto referencial do desenvolvimento sustentável.

Para haver sustentabilidade faz-se necessário que haja consideração sobre as necessidades humanas. Contudo, dentro desse campo é preciso reconhecer que a conservação da natureza é primordial.

Segundo CAVALCANTI (1995):

No mundo em desenvolvimento, e principalmente no Terceiro Mundo, vemos que nosso maior problema é a falta de oportunidades de emprego; a maioria dos desempregados deixa as áreas rurais e migra para as cidades e os que ficam continuam incorrendo em práticas – como a queima de carvão vegetal – que levam ao desflorestamento. Talvez as organizações que tratam do meio ambiente devam intervir e procurar meios de evitar essa destruição (CAVALCANTI, 1995, p. 59).

2.6 MEIO AMBIENTE

Pode-se destacar dois pontos básicos entre turismo e meio ambiente. O primeiro faz alusão ao fato de que o meio ambiente deve ser visto como um conceito global, não só com relação ao meio natural, mas também com relação ao homem e suas ações. Já, a segunda é a necessidade de ver o turismo em áreas naturais, como agente de desenvolvimento sustentável.

Conforme LEMOS (1999), "onde há turismo há degradação ambiental" (p. 19), somente através da conscientização das autoridades e da população que será possível obter um ambiente conservado para o futuro.

Para que melhor se observe aquilo que pode ser chamado de *meio ambiente*, a origem etimológica serve como dado essencial, sendo que *meio* é um termo originário do latim *mediu*, com vasta significação, mas sinteticamente pode ser absorvido como o lugar onde se viver, com suas características físicas, geológicas e culturais; enquanto que, *ambiente*, também palavra latina, significa, grosso modo, "que cerca ou envolve os seres vivos ou as coisas, por todos os lados; envolvente". A união de ambas as palavras, derivando *meio ambiente*, pode ser definida como: o conjunto de condições naturais e de influências que atuam sobre os organismos e os seres humanos como é dito por FERREIRA (1986).

A definição de meio ambiente, no entanto, evolui com o passar do tempo e da época vigente. Já em 1977, em Tbilisi (antiga URSS), na *Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental*, a recomendação nº 2, assim o define: o conceito de meio ambiente abarca uma série de elementos naturais, criados pelo homem, e sociais, da existência humana, e que os elementos sociais constituem um conjunto de valores culturais, morais e individuais, assim como de relações interpessoais na esfera do trabalho e das atividades de tempo livre.

Nota-se, aqui, a inserção da palavra social e, atinentes a ela os setores culturais e morais, próprios da atividade humana, que servem para situá-la dentro do espaço que ocupa, mas amplia a dimensão daquilo que pode ser chamado de *mundo* ao qual se insere o ser humano, animal, ou coisa que fazem parte do

sistema. Porém, o social é determinante, nesta definição, pois é exatamente neste instante que o homem tem papel preponderante em suas aspirações como ser social e que tem nas conquistas classistas o seu ponto alto.

Pode-se notar que neste último conceito a abrangência de *meio ambiente* é bem mais ampla que qualquer uma das anteriores. Não se atém mais ao local onde o homem se encontra, onde passa a maior parte de seu tempo de viver profissional ou de lazer ou, ainda, que lhe é conhecido, mas extrapola a esfera planetária, indo para além fronteiras da Terra, ainda que sendo incerto e desconhecido, fazendo parte pelo simples fato de haver um resquício de vida.

Esta tomada de consciência remete diretamente à educação ambiental, indicando que deve haver uma compreensão da complexidade que está inserida no meio ambiente e na valência daquilo que aí se encontra, pois será exatamente baseado na interdependência destes inúmeros elementos que há a possibilidade da real existência de um sistema de vida, seja ele qual for, podendo, mesmo, ser desconhecido e longe do alcance visual ou do domínio humano.

Não importa, no entanto, apenas a mudança da tônica do discurso, mas sim, a importância que toma no seu contexto real como conceito. Não se atrela mais, *meio ambiente*, apenas ao local que rodeia o homem, nem mesmo aos setores que nele influenciam. Agora ele passa a atingir todo e qualquer ambiente em que exista “*forma de vida*”, seja ela conhecida ou não, tenha ou não existência real e do conhecimento de todos.

Esta passagem de conhecimento, assim como todo e qualquer ensinamento novo é transmitida através de uma disciplina específica que é a Educação Ambiental, porém, ainda não adotada como formal dentro do sistema nacional de ensino e do processo de ensino-aprendizagem, exceção feita à nível superior em cursos específicos destinados, via de regra, como especialização.

Entretanto, as modificações que os conceitos passam a obedecer, seja pelo passar do tempo, seja pela especificação de cada autor atendendo às reais necessidades de suas áreas de atividades, de nada adiantarão ao meio ambiente se não houver uma conscientização daquilo que representam e de sua utilidade na manutenção e sustentabilidade do mesmo.

A contribuição para uma preservação efetiva ao meio ambiente, pela totalidade da população mundial é o que realmente interessa aqui. E esta conscientização se faz muito mais carente aos turistas, pois estes não permanecem nos locais onde efetuam seus *tours*. Na totalidade dos casos, o turista, é elemento passageiro nos locais ao qual efetua suas viagens e é levado pelas razões mais diversas possíveis, pois o turismo ecológico não se prende apenas ao fato de diletantismo, fórmula de anti-estresse ou simples entretenimento; o estudo, a pesquisa e outros interesses podem estar embutidos em vários casos.

2.7 DEMANDA TURÍSTICA

Embora a conceituação de termos seja mais de ordem técnica é nela que qualquer pesquisa se alicerça para fluir e ter um desenvolvimento próprio, razão pela qual não poderia estar excluído o significado de demanda. Para SMITH (1989, p. 99): *“Demanda é o rol quantitativo de algum bem ou serviço que será comprado ou consumido a um determinado preço”*. Sendo Stephen Smith economista, nada mais justo que fazer um paralelo entre a oferta e procura e a balança de valores que incide neste caso: maior oferta menor preço, menor oferta maior valor.

Esta não é a opinião de todos os teóricos sobre aquilo que se refira especificamente à demanda turística, principalmente os ecologistas que preferem fazer um paralelo com a quantidade de pessoas que incidam a determinado local ou área, seja em busca de atrativos, seja em busca de novos saberes ou por outras questões de interesse individual ou coletivo.

A demanda turística obedece à uma série de fatores, dentre os quais: *econômicos*, planejamentos que visam despertar interesse em ampla gama de pessoas tendo por base as belezas do lugar, as singularidades deste, o que o turista irá encontrar e a cultura proeminente; *ecológico*, destaca a problemática ambiental ao lado da beleza e visa sensibilizar o turista naquilo que aí irá se defrontar; *territorial*, visa carrear amplo número de pessoas para uma área descentralizada,

periférica e, embora exista uma infinidade de fatores a serem abordados, estes servem de pilar para que a demanda seja estabelecida.

Neste segmento ecoturístico, no entanto, se encontram uma infinidade de outros setores interligados, ainda que interdependentes, como: meios de transportes para chegar ao destino de forma o mais confortável possível; alimentação oferecida em lugares estratégicos durante a estada dos turistas; um sistema de hospedagem atinente ao número de pessoas que afluam à área e que, por outro lado, esteja de acordo com a demanda do mercado do setor; a conservação, por parte dos organizadores é preponderante, não apenas para a sustentabilidade do meio, mas para que a frequência não cause mudanças bruscas de procura e, para que o ambiente não seja dilapidado ou agredido em demasia.

Esta última declaração, faz-se frente a afirmativa de que não há ecoturismo com total falta de agressividade ao meio ambiente, conforme afirma Doris Ruschmann (2000, p.10), para quem a Educação Ambiental bem direcionada, no meio turístico, faz-se urgente, caso contrário, continuar-se-á observando as aberrações praticadas contra o meio que até aqui se têm presenciado.

Os tipos de turistas e as modalidades de turismo estão intimamente ligados à oferta de atrações, pois, principalmente desta última depende uma maior ou menor afluência de público à determinado sítio. Desta forma se tem como modalidade: o *turismo étnico*, onde o social tem alto valor e o turista se imiscui nas atividades dos autóctones recebendo, destes, novos saberes de usos, costumes e culturas; o *turismo cultural*, onde os eventos e os rituais – dogmáticos ou pagãos – são o referencial para o turista; o *turismo histórico*, onde a maior importância está nos locais a serem visitados, sejam museus ou sítios em que se desenrolou fatos históricos; o *turismo ambiental*, onde o “sítio natural” é de suma importância e a ecologia, tanto pela beleza paisagística, como pela singularidade, quanto pela peculiaridade de descanso, lazer ou contato natural impelem uma gama de pessoas que busquem este estilo de turismo para satisfazer seu lazer ou aprendizado.

Dentro das modalidades de turismo alternativo encontram-se: a) turismo literário; b) turismo cultural; c) turismo religioso; d) turismo inicial; e) turismo desritualizado; f) turismo de iniciados etc..., cada uma destas modalidades tem os seus respectivos tipos de turistas ou visitantes, como: iniciados, de confin, os de

limites de mundos possíveis, os ascetas, cada qual dentro das respectivas modalidades que escolhem conforme suas preferências.

2.8 IMPACTOS DO TURISMO

Embora o turismo e o ecoturismo nos moldes hoje estejam direcionados à uma “preservação” do meio ambiente, sempre haverá uma decorrência desta prática que, via de regra, ainda que pequena, causa uma espécie de agressão ou impacto ao meio ambiente.

As viagens (*tours*), ainda que bem planejadas, organizadas analítica e sinteticamente em seus pormenores, sempre deixam cicatrizes ainda que seus idealizadores e executores (turistas) sejam conscientes das atividades não predatórias ao ambiente.

Mais uma vez temos a abordagem de uma sustentabilidade necessária ao sistema turístico e desta vez esta não é uma realidade que seja de propriedade brasileira, pois mesmo em países mais desenvolvidos esta é uma deficiência verificada. Não pela falta de legislação específica ou de normas reguladoras, mas pela falta de produto adequado que se enquadre dentro do denominado não poluente, não agressivo, não impactante.

O próprio autor reconhece, logo a seguir que a confecção de um transporte ecológico ou sustentável se apresenta como impossível, apesar das crescentes exigências neste sentido.

Outra necessidade básica do turista é o local de hospedagem que também auxilia no impacto ambiental, seja pela construção de uma segunda paisagem, seja pelo acúmulo de dejetos crescente com o aumento dos turistas. Existe um tendência entre as grandes redes de se contratar técnicos para tornar sua operação diária menos agressivas ao meio.

Medidas como o desenvolvimento de técnicas emergentes nos modelos de embalagens recicladas; a reciclagem dos materiais utilizados em escritórios, material

de higiene, a instalação de dispositivos energéticos (luz, gás, água) que despendam menor consumo, o uso de tecidos mais duráveis e menos propensos à rápida deterioração e descolorimento; fazem parte de um complexo maior para satisfazer um baixo custo energético. A falta dessas ações sobrecarregariam o sistema existente, com conseqüências passíveis de penas. A idéia de que os impactos ambientais negativos devem estar cada vez mais sob controle, bem como uma conscientização constante da população turística, são pontos trabalhados pelos profissionais do ramo de turismo. Assim como, alternativas de transporte e uso parcimonioso daquilo que esteja disponível naturalmente, são propostas que vêm sendo trabalhadas, tanto pela iniciativa governamental, como privada dos países que têm o turismo como fonte de captação econômica.

3 METODOLOGIA

Este estudo desenvolveu-se através de uma pesquisa bibliográfica e de campo, tendo em vista o enfoque dialético, que proporcionou uma investigação direcionada à realidade que assola à Estrada do Perau Velho, pertencente aos municípios de Santa Maria e Itaara, região centro do Estado do Rio Grande do Sul.

Para a realização desse estudo foram adotados os seguintes procedimentos.

- a) Pesquisas Bibliográficas, com revisão de literatura, trazendo conceitos básicos que norteiam o Ecoturismo;
- b) Entrevistas com autoridades pertencentes à administração de ambos os municípios, com o objetivo de adquirir dados referentes a área que será estudada;
- c) Entrevistas com a população que reside no local de estudo, com os proprietários das áreas ao longo do percurso;
- d) Foram coletadas algumas fotografias que serviram para a demonstração da área pesquisada.

4 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

4.1. ASPECTOS GEOAMBIENTAIS

A estrada do Perau Velho esta localizada entre os municípios de Santa Maria e de Itaara, na região central do Rio Grande do Sul, aproximadamente no km 300 da BR 158, a 280km da capital Porto Alegre.

A paisagem privilegiada desta região dá-se ao fato desta constituir um prolongamento da Serra Geral, apresentando a flora com espécies características da Mata Atlântica e um relevo bastante acidentado. Com uma altitude média de 500m a uma do nível do mar formando vales e cachoeiras.

A formação florestal da região é a Floresta Subtropical Fluvial (latifoliada). Na encosta da Serra Geral a floresta é constituída por árvores típicas da floresta do Alto Uruguai, que são altas e emergentes, e em sua maioria decíduais. A espécie grápia (*Apuleia leiocarpa*), que ocorre no estrato emergente, é responsável pela fitofisionomia da região.

Deste modo, encontra-se no local, como características do estado emergente o angico-vermelho (*Paraptadenia rigida*), a cabriúva (*Nyrocarpus frondosus*) e a timbaúva. No estrato das árvores que formam uma cobertura densa, encontra-se a guajuvira (*Paheganula americana*) e a canela-preta (*Nectandra mesapotamica*), além de abundante área de regeneração secundária com aroeira piriquita (*Schinus molle*).

4.2 HISTÓRICO

O presente trabalho efetuou um estudo em relação ao potencial turístico da Estrada do Perau Velho.

Este local pertence a dois municípios: Santa Maria e Itaara, sendo que este emancipou-se do primeiro no ano de 1998.

A construção do Perau Velho teve início no final do século XIX, entre os anos de 1881 e 1904, época em que o país recebeu uma grande leva de imigrantes europeus em busca de melhores condições de vida. Destacam-se como colonizadores indivíduos de origem judaica, que foram forçados a abandonar seus países devido à perseguição racial que teve seu ápice no início do século passado.

Ao chegarem à região estas pessoas depararam-se com terras férteis, a preços baixos e prontas para serem exploradas, pois existia apenas uma pequena aldeia indígena no local, que praticava a agricultura de subsistência.

Como era comum na época os índios, abstendo-se aqui de qualquer julgamento moral, foram dominados e inseridos no novo contexto pelos estrangeiros, sendo desta forma utilizados na construção e pavimentação da estrada que cortava as novas propriedades rurais.

Até meados dos anos 70 a Estrada do Perau Velho era a única via de ligação da região com o restante do estado. Esta estrada era uma importante rota de escoamento de produtos, tendo abrigado o primeiro pedágio que se tem notícia em território nacional, estando hoje desativado.

Com a construção de uma rodovia nacional, a Estrada do Perau Velho foi praticamente abandonada, ficando a mercê de infratores que a utilizavam para a realização de diversas contravenções. Seus habitantes ficaram restritos a poucas pessoas e a região desfrutou de uma imagem negativa de muitos anos, sendo normalmente evitado por visitantes de qualquer natureza.

Com a crescente tendência de valorização de ambientes naturais observado nos últimos tempos, o Perau foi redescoberto por pessoas interessadas em preservar o meio ambiente, bem como em desfrutar seus atrativos.

5 ATRATIVOS TURÍSTICOS

Além dos serviços turísticos e públicos, e da infra-estrutura básica o visitante busca motivação para realizar sua atividade turística.

IGNARRA (1999) faz uma explicação a respeito do significado de atrativos turísticos:

(...) os atrativos estão relacionados com as motivações de viagens dos turistas e a avaliação que os mesmos fazem desse elementos. É bastante usual que elementos que compõem o cotidiano das pessoas que residem em determinada localidade não lhes chame a atenção e se mostrem extremamente atrativos para os visitantes que não participam desse cotidiano (IGNARRA, 1999, p. 48).

Sobre essa questão, este mesmo autor ainda faz a seguinte declaração o atrativo turístico possui via de regra, maior valor quanto mais acentuado for seu caráter diferencial. O turista procura sempre conhecer aquilo que é diferente de seu cotidiano. Assim, aquele atrativo que é único, num outro semelhante, possui valor maior para o turista (p. 48).

Os atrativos são divididos em naturais e culturais. Os atrativos naturais consistem em montanhas; planaltos e planícies, costas ou litoral, terras insulares, hidrografia.; pântanos, fauna, flora, áreas de caça e pesca, assim como, parques e reservas naturais, etc... Enquanto, os atrativos culturais, consistem em momentos de pesquisa e lazer; manifestações de tradições populares, realizações técnicas e científicas, acontecimentos programados, etc...

Em se tratando da avaliação de atrativos turísticos, deve ser feito uma análise baseada em uma série de critérios, como: morfologia, visibilidade interior, altura, vegetação, fauna, volume de água, nível de poluição, características da paisagem circuncidante, etc. Além destes destaca-se, também, a localização, o tempo necessário para conhecer o atrativo, meio de acesso ao atrativo, assim como serviços disponíveis no local.

Para SWARBROOKE (2000, V. 4), atrativo turístico é definido da seguinte maneira As atrações turísticas constituem a essência da indústria do turismo, são elas que primeiramente motivam as pessoas a empreender uma viagem. Por isso, não há dúvida sobre o fato de que as atrações turísticas devem ocupar um papel central no desenvolvimento de formas de turismo mais sustentáveis (p. 89).

Dentro desse parâmetro de conceituação justifica-se que existem alguns tipos de atração turística que são negativos, em função de que muitas vezes não são dotadas de um futuro sustentável.

Assim, a possibilidade do empreendimento se dá através da realização de novas atrações que podem dar novo sentido aquelas que já estão desgastadas, tendo desta forma capacidade de oferecer resultados novos às estratégias de desenvolvimento turístico.

Para RUSHMAN (1938, p. 97) "a oferta turística de uma localidade é constituída da soma de todos os produtos e serviços adquiridos ou consumidos pelo turista durante a sua estada em uma destinação".

Constata-se que a avaliação visual de uma determinada paisagem com intuito turístico leva em conta seus elementos, naturais ou artificiais, juntamente com a influência destes no turismo local. Então, a avaliação da paisagem é estabelecida sobre a qualidade visual, assim como as recursos naturais encontrados na área analisada. Enquanto os elementos artificiais, tais como as edificações, são avaliadas quando colocadas na paisagem sobre um ângulo que não se sobressaia frente aos outros elementos, em particular os naturais.

Segundo depoimentos de PIRES (1996), as características mais apreciadas para o turismo são: a diversidade, a naturalidade, a singularidade, a complexidade topográfica, as superfícies, a água e as atrações humanas.

Para BOMBIM & PIRES (1996) os elementos que compõem a paisagem são divididos em dois distintos grupos: elementos naturais e elementos artificiais.

Os elementos naturais são aqueles que se desenvolvem naturalmente em um local, ou seja, vegetação e fauna nativa, linhas topográficas, vales e montanhas. Por sua vez, os elementos artificiais fazem referência a uma modificação visível, que é o caso de plantações agrícolas, reflorestamento, pedreiras e infra-estrutura, como pontes, barragens, estradas, rodovias, etc.

No que refere-se à Estrada do Perau Velho, afirma-se que ela é de beleza privilegiada pelo fato de constituir um prolongamento da Serra Geral, a qual, além de relevo acidentado, apresenta uma formação florestal, fisicamente típica da floresta do Alto Uruguai. Além do aspecto florestal, a região possui várias cachoeiras, rios, lagos e vertentes, sendo considerado um local de abundantes recursos hídricos que podem e devem ser conservados.

A localização desta estrada, sua riqueza de flora e fauna e a temperatura agradável, confere a esta região condições para ser um referencial de turismo na região. Foram exatamente, estes motivos que impulsionaram o crescimento do número de segundas residências ao longo da estrada.

De modo geral, o turismo ecológico ou ecoturismo apresenta grande potencial de desenvolvimento neste local, destacando os seus elementos paisagísticos. Já, os elementos turísticos artificiais, que se traduzem em oferta para os visitantes são as estradas vicinais que atravessam o local, e a proximidade do perímetro urbano das cidades de Itaara e Santa Maria.

Como paisagem destaca-se a visualização da ponte sobre o "Vale do Diabo", uma ponte que une dois morros. Pode-se afirmar, que a paisagem de estudo, apesar de estar sendo intensamente modificada pelas atividades agrícolas e de exploração de pedras, apresenta elementos que interessam ao turismo responsável, contudo, deve haver uma maior preocupação com a preservação dos recursos naturais.

Decorrente de uma avaliação visual, a tipologia que poderia ser desenvolvido nesta paisagem é o Turismo Ecológico em função dos recursos naturais existentes. Como opção de exploração poderiam ser traçadas trilhas para caminhadas, bem como ser incentivadas as atividades de rapel, escaladas, canoig, entre outros esportes possíveis de serem praticados em áreas naturais.

No que se refere à fauna do local de estudo pode-se citar algumas espécies de animais. Tais como: juriti, papagaio, andorinha, canário, tico-tico, pica-pau, pardal, cardeal, saracura, corvo, gavião, gralha-azul, chupim, jacu, sabiá, marreca, capivara, lebre, raposa, tatu, veado, ratão do banhado, preá, lagarto, capincho, esquilo, cuati, jaquatirica, zorrilho, etc.

Dentro desse ambiente destaca-se algumas espécies de árvores: açoita-cavalo, pata-de-vaca, paineira, louro, jaboticabeira, ipê-roxo, ipê-amarelo, guajuvira, grapia, cerejeira, cedro, cancorosa, camboim, catinga, etc.

Dentro dessa contextualização de atrativos turísticos pode-se afirmar que a região centro do estado do Rio Grande do Sul é vasta em lugares qualificados no âmbito turístico.

Santa Maria, denominada como o Coração do Rio Grande do Sul apresenta, como fonte geradora de renda a Universidade Federal de Santa Maria que é a principal universidade da região.

Na Estrada do Perau Velho alguns dos locais de destaque para o turismo são citados abaixo:

- Vista panorâmica de uma propriedade localizada ao longo da estrada, onde é possível se observar alguns dos morros utilizados por adeptos aos esportes de natureza.



Figura 1– Foto de uma propriedade do local, com vista do relevo e vegetação.

- Trecho de uma das estradas vicinais da região, localizado a cerca de 200 metros da yinícola Velho Amâncio.



Figura 2– Vista de um caminho vicinal entre a mata nativa.

- Pórtico que limita as fronteiras dos dois municípios.



Figura 3 – Pórtico que limita as fronteiras dos dois municípios.

- Trechos da estrada onde se visualiza as pedras originais do Séc. XIX.



Figura 4 – Foto estrada onde se visualiza as pedras originais do século XIX.



Figura 5– Foto estrada onde se visualiza as pedras originais do século XIX.

- Quadra Copetti, de futebol de areia, localizada no Perau, onde se oferece, mediante prévio agendamento, alimentação aos visitantes, possuindo uma sede local com capacidade de acomodação para grupos de até 50 pessoas.



Figura 6 – Quadra Copetti de Futebol

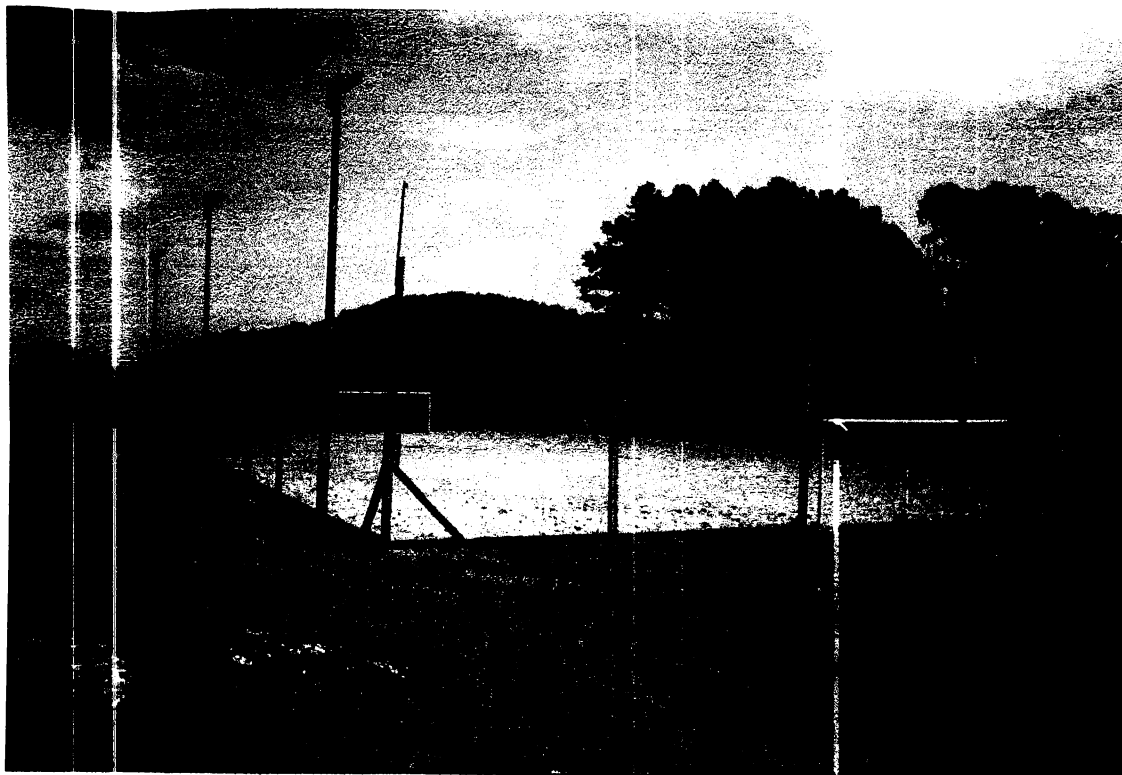


Figura 7 – Quadra Copetti de Futebol.

- Vista panorâmica do Vale do Diabo, bem como do viaduto que corta o vale e de parte da cidade de Santa Maria.



Figura 8 – Vista panorâmica do "Vale do Diabo", tendo ao fundo o Viaduto sobre "O Vale do Diabo" com a cidade de Santa Maria.

- Bar.e Lanchonete Ponto da Cana, localizado à busca da estrada, com grande fluxo de clientes, principalmente aos finais de semana, por se tratar do único estabelecimento desta natureza ao longo da Estrada do Perau Velho.



Figura 9 – Bar e Lanchonete "Ponto da Cana", localizado as margens da Estrada do Perau Velho

6 RESULTADOS DA ENTREVISTA

A partir da aplicação da entrevista nos moldes do roteiro apresentado em anexo, podemos concluir que existe o interesse da comunidade em desenvolver o turismo de forma mais estruturada na região da Estrada do Perau Velho.

Pelas condições já mencionadas, pode-se afirmar que existe um real potencial para haver um incremento da atividade turística, podendo esta tornar-se uma importante fonte de renda para os proprietários das terras ao longo da estrada.

A comunidade do local espera que as ações voltadas para o desenvolvimento turístico partam do setor público e esta é uma questão a ser levada em consideração em qualquer atividade econômica que envolva o turismo nesta área. A região apresenta carências infra-estruturais sérias até momento.

As reclamações mais freqüentes são em relação à conservação do local, a qualidade da estrada, iluminação e segurança. Até a conclusão deste trabalho, não foram realizadas nenhuma das ações planejadas pelas autoridades responsáveis pela conservação do Perau Velho.

Projetos existem nas prefeituras dos dois municípios, porém freqüentemente estes esbarram na falta de recursos, bem como no desinteresse dos habitantes em colaborar de forma efetiva com a aplicação das ações propostas, deixando a responsabilidade a cargo somente do setor público.

Apesar dos constantes reclamações dos moradores, dirigidas aos administradores percebe-se que um trabalho de conscientização ambiental precisa ser desenvolvido para que as forças se unam em prol da implantação de um turismo responsável no local.

O potencial de desenvolvimento do turismo ecológico é consenso para os entrevistados. Este motivo é apontado devido as belezas naturais ao longo do percurso. Sendo que durante as entrevistas ficou claro a importância reconhecida de se conservar a natureza, porém é clara a necessidade de coordenação e organização das iniciativas sugeridas.

Os entrevistados acreditam que o desenvolvimento do turismo deve ser empreendido dentro de uma ótica que contemple as tendências de conservação do meio ambiente tendo a população como agente concretizador, porém apesar das inúmeras idéias sugeridas, falta uma liderança efetiva que centralize as forças e faça com que as ações se concretizem.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A julgar pelos atuais índices de crescimento o turismo tende a consolidar-se como uma das mais importantes atividades econômicas da próxima década sendo que o turismo em áreas naturais terá destaque no momento da escolha devido à visível tendência à procura de um contato maior com a natureza como antídoto à rotina urbana.

O ecoturismo necessita, para sua concretização, de um ambiente com o mínimo de alterações antrópicas, realizando um roteiro que cause o menor impacto possível ao meio, exigindo uma atuação responsável de todos os envolvidos no processo para que ocorra o desenvolvimento, com sustentabilidade, das regiões turísticas.

Qualquer ação rumo ao incremento do turismo na Estrada do Perau Velho deve iniciar-se a partir das considerações acima, cabendo destacar o papel da Educação Ambiental no decorrer do processo.

O ecoturismo como alternativa econômica deve fluir em direção ao uso responsável dos recursos oferecidos, bem como à sua conservação.

Para se obter êxito nesta tarefa, o poder público deverá legislar adequadamente, os empresários adotar condutas sociais e ambientalmente éticas e a comunidade local realizar e cobrar ações de desenvolvimento sustentável para a região.

As abundantes flora e fauna do local, sua riqueza paisagística, o clima agradável, bem como seus recursos hídricos, devem estar em pauta no momento da concretização de projetos nesta área.

O Perau Velho apresenta um real potencial para o ecoturismo, que até o presente momento não está sendo plenamente explorado. Os turistas que visitam o local o fazem de forma empírica, pois não há um roteiro organizado a ser seguido. Falta sinalização, fiscalização, infra-estrutura básica e divulgação, o que faz com que poucas pessoas tenham conhecimento das potencialidades desta região.

Durante o ano de 2000, as prefeituras dos municípios do Itaara e de Santa Maria uniram-se em um projeto denominado o "Perau é Nosso", através do qual pretendem incrementar o ecoturismo na região central do estado.

As secretarias de turismo e meio ambiente de ambos os municípios estão empenhadas em promover o desenvolvimento da região através da exploração responsável dos recursos naturais lá encontrados.

Acreditamos ser esta uma boa opção de renda para o local porém ressalta-se a importância de um prévio planejamento, feito por profissionais qualificados, a fim de se obter o máximo aproveitamento das riquezas existentes com o mínimo de agressão, garantindo um desenvolvimento baseado nos preceitos da sustentabilidade.

ANEXO - QUESTIONÁRIO APLICADO.

Nome: _____ idade: _____

Profissão: _____ escolaridade: _____

QUESTIONÁRIO

1) Existem atividades turísticas em Itaara?

 Sim Não Não sei

2) Em caso afirmativo de que tipo?

3) Cite duas modalidades de turismo que achas ter maior potencialidade de se desenvolver em Itaara.

4) Na sua avaliação, Itaara apresenta reais condições de se tornar um município turístico? Por que?

5) Na sua opinião, a quem compete ações para desenvolver o turismo? Que ações seriam essas?

6) Na sua opinião, quais os principais problemas para desenvolver o turismo em Itaara?

7) Em sua avaliação o Turismo Ecológico, apresenta boa potencialidade para se desenvolver em Itaara?

8) O que consideras importante para desenvolver o Turismo Ecológico em Itaara?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, José Vicente. 1.987. **Turismo, Fundamentos e Dimensões**. 3ª ed. São Paulo: Ática.

CAVALCANTI, Clóvis. 1995. **Desenvolvimento e natureza**. São Paulo: Cortez.

CEBALLOS-LASCURÁIN, Héctor. 1995. **Introdução. O ecoturismo como um fenômeno mundial**. In: LINDBERG, Kreg. & HAWKINS, Donald E. 2000. **Ecoturismo – Um guia para planejamento e Gestão**. 2ª ed. 1999. São Paulo: Editora SENAC.

Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. 1991. **Nosso futuro comum**. RG: Fundação getúlio Vargas.

EMBRATUR. 1994. **Diretrizes para uma política Nacional de Ecoturismo**. Brasília.

IOGNARRA, Luiz Renato. 1999. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira.

LINDBERG. Krefg; HAWKINS, Donald E. 1999. **Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão**. São Paulo: Senac. 2ª ed.

MOURÃO, Roberto M. F. 2000. **Ecoturismo e Turismo Especializado**. Desenvolvimento de produtos. ECOBRASIL. Associação Brasileira de Ecoturismo.

MÜLLER, Vitória Yamada. **Ecoturismo. Curso de Especialização em Ecoturismo**. IBPEX.

RUSCHMANN, Doris. 2000. **Turismo e Planejamento Sustentável – A proteção do meio ambiente**. Campinas, SP: Papirus Editora. Coleção Turismo.

SILVEIRA, Marcos Aurélio T. 1998. **Políticas de desenvolvimento e Ssustentabilidade: Possibilidades e perspectivas com base no turismo**. Curitiba: UFPR.

SMITH, Stephen L. J. 1989. **Tourism analysis – A handbook**. Londres; Longman. In: RUSCHMANN, Doris. 2000. **Turismo e Planejamento Sustentável – A proteção do meio ambiente**. Campinas, SP: Papirus Editora. Coleção Turismo. p. 145.

SWARBROOKE, John. 2000. **Turismo Sustentável: Gestão e Marketing**. São Paulo: Aleph. Série – Vol 4.

_____. 2000. **Turismo Sustentável**. Turismo cultural, Ecoturismo e Ética. São Paulo: Aleph. Série Turismo. Vol 5.

TRIGUEIRO, Carlos Meira. 1996. Marketing & Turismo – Como planejar e administrar o marketing turístico para uma localidade. São Paulo: Qualitymark.

YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandrini; CRUZ, Rita de Cássia Arizada. 1999. Turismo espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Hucitec, 2ª ed.